

Prova Escrita de Português

12.º Ano de Escolaridade

Prova 639/2.ª Fase

8 Páginas

Duração da Prova: 120 minutos. Tolerância: 30 minutos.

2008

Utilize apenas caneta ou esferográfica de tinta indelével, azul ou preta.

Não é permitido o uso de corrector. Em caso de engano, deve riscar, de forma inequívoca, aquilo que pretende que não seja classificado.

Não é permitido o uso de dicionário.

Escreva de forma legível a numeração dos grupos e/ou dos itens, bem como as respectivas respostas.

Para cada item, apresente apenas uma resposta. Se escrever mais do que uma resposta a um mesmo item, apenas é classificada a resposta apresentada em primeiro lugar.

As cotações dos itens encontram-se na página 8.

Nos itens de **resposta fechada**, as respostas ilegíveis, ou em que apresente mais do que uma alternativa (ainda que inclua a correcta), são classificadas com zero pontos.

Para responder aos itens de **escolha múltipla**, escreva, na folha de respostas,

- o **número** do item;
- a **letra identificativa** da alternativa correcta.

Para responder aos itens de **verdadeiro/falso**, escreva, na folha de respostas,

- o **número** do item;
- a **letra identificativa** de cada afirmação e, a seguir, uma das letras, «**V**» para as afirmações verdadeiras ou «**F**» para as afirmações falsas.

GRUPO I

A

Leia, atentamente, o texto a seguir transcrito.

1 De Montemor a Évora não vão faltar trabalhos. Voltou a chover, tornaram os atoleiros¹,
partiram-se eixos, rachavam-se como gravetos² os raios das rodas. A tarde caía rapidamente,
o ar arrefecia, e a princesa D. Maria Bárbara, que enfim adormecera, auxiliada pelo torpor
emoliente dos caramelos com que aconchegara o estômago e por quinhentos passos de
5 estrada sem buracos, acordou com um grande arrepio, como se um dedo gelado lhe tivesse
tocado na testa, e, virando os olhos ensonados para os campos crepusculares, viu parado um
pardo ajuntamento de homens, alinhados na beira do caminho e atados uns aos outros por
cordas, seriam talvez uns quinze.

Afirmou-se melhor a princesa, não era sonho nem delírio, e turbou-se de tão lastimoso
10 espectáculo de grilhetas, em véspera das suas bodas, quando tudo devia ser ledice³ e
regozijo, já não chegava o péssimo tempo que faz, esta chuva, este frio, teriam feito bem
melhor se me casassem na primavera. Cavalgava à estribeira um oficial a quem D. Maria
Bárbara ordenou que mandasse saber que homens eram aqueles e o que tinham feito, que
crimes, e se iam para o Limoeiro ou para a África. Foi o oficial em pessoa, talvez por muito
15 amar esta infanta, já sabemos que feia, já sabemos que bexigosa, e daí, e vai levada para
Espanha, para longe, do seu puro e desesperado amor, querer um plebeu a uma princesa,
que loucura, foi e voltou, não a loucura, ele, e disse, Saiba vossa alteza que aqueles homens
vão trabalhar para Mafra, nas obras do convento real, são do termo de Évora, gente de ofício,
E vão atados porquê, Porque não vão de vontade, se os soltam fogem, Ah. Recostou-se a
20 princesa nas almofadas, pensativa, enquanto o oficial repetia e gravava em seu coração as
doces palavras trocadas, há-de ser velho, caduco e reformado, e ainda se recordará do
mavioso diálogo, como estará ela agora, passados todos estes anos.

A princesa já não pensa nos homens que viu na estrada. Agora mesmo se lembrou de
que, afinal, nunca foi a Mafra, que estranha coisa, constrói-se um convento porque nasceu
25 Maria Bárbara, cumpre-se o voto porque Maria Bárbara nasceu, e Maria Bárbara não viu, não
sabe, não tocou com o dedinho rechonchudo a primeira pedra, nem a segunda, não serviu
com as suas mãos o caldo dos pedreiros, não aliviou com bálsamo as dores que Sete-Sóis
sente no coto do braço quando retira o gancho, não enxugou as lágrimas da mulher que teve
o seu homem esmagado, e agora vai Maria Bárbara para Espanha, o convento é para si como
30 um sonho sonhado, uma névoa impalpável, não pode sequer representá-lo na imaginação,
se a outra lembrança não serviria a memória.

José Saramago, *Memorial do Convento*, 27.^a ed., Lisboa, Caminho, 1998

¹ *atoleiros*: lugares de solo mole, pantanoso.

² *gravetos*: galhos finos e secos de árvore ou arbusto.

³ *ledice*: alegria.

Apresente, de forma bem estruturada, as suas respostas aos itens que se seguem.

1. Vários são os imprevistos da viagem que a princesa e a sua comitiva fazem, de Montemor a Évora. Refira três desses imprevistos, fundamentando a sua resposta com elementos do texto.
2. Explícite o sentido do seguinte excerto: «turbou-se de tão lastimoso espectáculo de grilhetas, em véspera das suas bodas, quando tudo devia ser ledice e regozijo» (linhas 9 a 11).
3. Identifique um dos recursos de estilo presentes no último parágrafo do texto e comente a respectiva expressividade.
4. Divida o texto em partes lógicas e apresente, para cada uma delas, uma frase que sintetize o respectivo conteúdo.

B

A reflexão da princesa Maria Bárbara – «teriam feito bem melhor se me casassem na primavera» (linhas 11 e 12) – revela que outros, e não ela, é que decidiram sobre o seu casamento. O mesmo não se passa com o casal Baltasar e Blimunda, cuja relação não foi imposta e na qual ninguém interfere.

Fazendo apelo à sua experiência de leitura de *Memorial do Convento*, comente, num texto de oitenta a cento e vinte palavras, a relação amorosa de Baltasar e Blimunda.

Observações

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido.

GRUPO II

Leia, atentamente, o seguinte texto.

1 Este livro reúne alguns dos textos que mensalmente e ao longo dos últimos anos fui publicando [...]. A estranheza do título justifica uma explicação, para que ele não passe como um mero exercício de estilo.

Quando era pequeno – muito pequeno, talvez oito ou nove anos – lembro-me de estar
5 deitado na banheira, em casa dos meus pais, a ler um livro de quadrinhos. Era uma aventura do David Crockett, o desbravador do Kentucky e do Tennessee, que haveria de morrer na mítica batalha do Forte Álamo. Nessa história, o David Crockett era emboscado por um grupo de índios, levava com um machado na cabeça, ficava inconsciente e era levado prisioneiro para o acampamento índio. Aí, dentro de uma tenda, havia uma índia muito bonita
10 – uma «squaw», na literatura do Far-West – que cuidava dele, dia e noite, molhando-lhe a testa com água, tratando das suas feridas e vigiando o seu coma. E, a certa altura, ela murmurava para o seu prostrado e inconsciente guerreiro: «não te deixarei morrer, David Crockett!»

Não sei porquê, esta frase e esta cena viajaram comigo para sempre, quase
15 obsessivamente. Durante muito tempo, preservei-as à luz do seu significado mais óbvio: eu era o David Crockett, que queria correr mundo e riscos, viver aventuras e desvendar Tennessees. Iria, fatalmente, sofrer, levar pancada e ficar, por vezes, inconsciente. Mas ao meu lado haveria sempre uma índia, que vigiaria o meu sono e cuidaria das minhas feridas, que me passaria a mão pela testa quando eu estivesse adormecido e me diria: «não te deixarei morrer, David Crockett!» E, só por isso, eu sobreviveria a todos os combates. Banal,
20 elementar.

Porém, mais tarde, comecei a compreender mais coisas sobre as emboscadas, os combates e o comportamento das índias perante os guerreiros inconscientes. Foi aí que percebi que toda a minha interpretação daquela cena estava errada: o David Crockett
25 representava sim a minha infância, a minha crença de criança numa vida de aventuras, de descobertas, de riscos e de encontros. Mas mais, muito mais do que isso: uma espécie de pureza inicial, um excesso de sentimentos e de sensibilidade, a ingenuidade e a fé, a hipótese fantástica da felicidade para sempre. [...]

Miguel Sousa Tavares, *Não Te Deixarei Morrer, David Crockett*,
«Nota Prévia», 26.ª ed., Lisboa, Oficina do Livro, 2007

Para responder aos itens de 1 a 6, escreva, na folha de respostas, o **número** do item seguido da **letra identificativa** da alternativa correcta.

1. Com a afirmação «esta frase e esta cena viajaram comigo para sempre» (linha 14), o autor quer dizer que
 - A. se sentia marcado para toda a vida por aquela frase e por aquela cena.
 - B. transportava consigo, sempre que viajava, um livro sobre David Crockett.
 - C. se lembrava daquela frase e daquela cena sempre que viajava.
 - D. tinha aquela frase gravada na pasta que usava em viagem.

2. Na frase iniciada por «Foi aí que» (linha 23), o autor assinala o momento em que
- A. leu a história aventurosa e acidentada do desbravador David Crockett.
 - B. tomou consciência de que David Crockett era o símbolo da sua infância.
 - C. sentiu a necessidade de preservar na memória o herói David Crockett.
 - D. julgou que era David Crockett, o mítico combatente de Forte Álamo.
3. A perífrase verbal em «e ao longo dos últimos anos fui publicando» (linhas 1 e 2) traduz uma acção
- A. momentânea, no passado.
 - B. repetida, do passado ao presente.
 - C. apenas começada, no passado.
 - D. posta em prática, no momento.
4. A locução «para que» (linha 2) permite estabelecer na frase uma relação de
- A. causalidade.
 - B. completamento.
 - C. finalidade.
 - D. retoma.
5. O uso de travessão duplo (linha 4) justifica-se pela necessidade de
- A. destacar uma explicitação.
 - B. registar falas em discurso directo.
 - C. marcar alteração de interlocutor.
 - D. sinalizar uma conclusão.
6. O uso repetido do nome «David Crockett» (linhas 6, 7, 12-13, 16, 20, 24)
- A. constitui um mecanismo de coesão lexical.
 - B. assegura a progressão temática.
 - C. constitui um processo retórico.
 - D. assegura a coesão interfrásica do texto.

7. Para responder, escreva, na folha de respostas, o **número** do item, a **letra identificativa** de cada afirmação e, a seguir, uma das letras, «**V**» para as afirmações verdadeiras ou «**F**» para as afirmações falsas.
- A. O segmento textual «Este livro reúne alguns dos textos que mensalmente e ao longo dos últimos anos fui publicando» (linhas 1 e 2) constitui um acto ilocutório directivo.
 - B. O constituinte «inconsciente» em «Nessa história, o David Crockett (...) ficava inconsciente» (linhas 7 e 8) desempenha, na frase, a função de predicativo do sujeito.
 - C. Os vocábulos «batalha» (linha 7) e «combates» (linhas 20 e 23) mantêm entre si uma relação de antonímia.
 - D. O antecedente do pronome relativo «que» (linha 10) é «uma índia muito bonita» (linha 9).
 - E. Em «molhando-lhe a testa com água, tratando das suas feridas e vigiando o seu coma» (linhas 10 e 11), as formas verbais «molhando», «tratando» e «vigiando» traduzem o modo continuado como a índia cuidava de David Crockett.
 - F. Na frase «ela murmurava para o seu prostrado e inconsciente guerreiro» (linhas 11 e 12), os adjectivos têm um valor restritivo.
 - G. Em «não te deixarei morrer, David Crockett!» (linha 12 e 13), «te» e «David Crockett» são referências deícticas pessoais.
 - H. Na frase «preservei-as à luz do seu significado mais óbvio» (linha 15), o referente de «as» é «esta frase e esta cena» (linha 14).
 - I. A frase «que vigiaria o meu sono» (linha 18) é subordinada relativa restritiva.
 - J. O conector «Porém» (linha 22) introduz uma relação de oposição entre o que anteriormente foi dito e a ideia exposta posteriormente.

GRUPO III

O herói simboliza a **união das forças celestes e terrestres**. Mas não goza, naturalmente, da imortalidade divina, embora conserve até à morte um poder sobrenatural: deus caído ou homem divinizado. Os heróis podem, entretanto, adquirir a imortalidade [...]. Podem também surgir do seu túmulo e defender do inimigo a cidade que está colocada sob a sua protecção.

Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, «Herói», in *Dicionário dos Símbolos*, trad. Cristina Rodriguez e Artur Guerra, Lisboa, Teorema, 1994

Num texto bem estruturado, com um mínimo de duzentas e um máximo de trezentas palavras, apresente uma reflexão sobre o que é afirmado no excerto, considerando a importância da figura do herói na vida do ser humano.

Para fundamentar o seu ponto de vista, recorra, no mínimo, a dois argumentos, ilustrando cada um deles com, pelo menos, um exemplo significativo.

Observações

1. Para efeitos de contagem, considera-se **uma palavra** qualquer sequência delimitada por espaços em branco, mesmo quando esta integre elementos ligados por hífen (ex.: /dir-se-ia/). Qualquer número conta como uma única palavra, independentemente dos algarismos que o constituam (ex.: /2008/).
2. Um desvio dos limites de extensão indicados implica uma desvalorização parcial (até 5 pontos) do texto produzido.

FIM

COTAÇÕES DA PROVA

GRUPO I 100 pontos

A.

1. 20 pontos

Conteúdo (12 pontos)

Organização e correcção linguística (8 pontos)

2. 20 pontos

Conteúdo (12 pontos)

Organização e correcção linguística (8 pontos)

3. 15 pontos

Conteúdo (9 pontos)

Organização e correcção linguística (6 pontos)

4. 15 pontos

Conteúdo (9 pontos)

Organização e correcção linguística (6 pontos)

B. 30 pontos

Conteúdo (18 pontos)

Organização e correcção linguística (12 pontos)

GRUPO II 50 pontos

1. 5 pontos

2. 5 pontos

3. 5 pontos

4. 5 pontos

5. 5 pontos

6. 5 pontos

7. 20 pontos

GRUPO III 50 pontos

Estruturação temática e discursiva 30 pontos

Correcção linguística 20 pontos

Total 200 pontos